



**PROVA COMENTADA
ANALISTA TRT 3ª REGIÃO
(aplicada dia 26/07/2015)**

FCC

LÍNGUA PORTUGUESA

PROF. JOÃO BOLOGNESI

2015

LÍNGUA PORTUGUESA

Atenção: As questões de números 1 a 8 referem-se ao texto que segue.

A matéria abaixo, que recebeu adaptações, é do jornalista Alberto Dines, e foi veiculada em 9/05/2015, um dia após as comemorações pelos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

Quando a guerra acabar...

1 Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

5 O descaso e os indícios de esquecimento que, na sexta-feira (8/5), rodearam os setenta anos do fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial sobressaltaram. O ano de 1945 pegou-me com 13 anos e a data de 8 de maio incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas que éramos obrigados a decorar no ginásio.

10 Seis anos antes (1939), a invasão da Polônia pela Alemanha hitlerista – e logo depois pela Rússia soviética – empurrou a guerra para dentro da minha casa através dos jornais e do rádio: as vidas da minha avó paterna, tios, tias, primos e primas dos dois lados corriam perigo. Em 1941, quando a Alemanha rompeu o pacto com a URSS e a invadiu com fulminantes ataques, inclusive à Ucrânia, instalou-se a certeza: foram todos exterminados.

15 A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase “quando a guerra acabar” tornara-se desnecessária, desatualizada.

20 A guerra acabara para sempre. Enquanto o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente, matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual – nos alertavam que a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie.

25 Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos. (Reproduzido da Gazeta do Povo (Curitiba, PR) e do Correio Popular (Campinas, SP), 9/5/2015; intertítulo do Observatório da Imprensa, edição 849)

Breve comentário sobre o texto

O título (“Quando a guerra acabar...”) já insinua ação futura e, é claro, devido ao tema, também insinua uma nova época entre as nações então em guerra.

O primeiro parágrafo é interessante pelo comentário do autor: a visão pessoal, às vezes, dá-se em grau mais elevado que o conjunto impessoal construído pela história. Perceba que isso indicia ao leitor o modo como o texto vai ser construído: a história pessoal sobreposta à história impessoal. O ponto de vista subjetivo, pessoal, em contraponto ao relato anônimo, geral.

Apesar de o texto ser apenas um fragmento, isso não impede de se perceber sua organização. No segundo parágrafo, que é a introdução, o autor ancora o leitor, informando-lhe que o descaso e os indícios de esquecimento causaram espanto, surpresa.

Se ao autor o fim da guerra é uma data importantíssima (“incorporou-se ao meu calendário íntimo e o cimentou definitivamente às efemérides históricas”), há, portanto, uma pergunta implícita que percorre e organiza o texto: por que o descaso, por que o esquecimento? A história pessoal do autor tão viva e presente se vê em desarmonia com essa vaga lembrança dos 70 anos do fim da guerra (na fase europeia).

A guerra, a família, o fim aparente da guerra: rápidos episódios daquela terrível época. Mas, no último parágrafo, setenta anos depois o autor justifica o sobressalto causado pelo descaso e os indícios do esquecimento: a guerra não acabou, camuflada, ela continua. Nota-se um autor atingido pela guerra em 1939, bem como pelas outras formas em que a guerra se metamorfoseou.

01. Nesse texto, o jornalista,

(A) ao organizar minuciosa e cronologicamente os episódios da Segunda Guerra Mundial, ressalta os fatos que foram mal retratados nas comemorações dos 70 anos do fim do conflito.

Comentário – Alternativa errada. Apesar de haver uma cronologia (a partir do 3º §), o autor relata em rápidos episódios, jamais minuciosamente. Além disso, a preocupação central do autor é o descaso, o esquecimento da data e não os fatos mal retratados.

(B) ao trazer sua visão pessoal sobre os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, defende que a imprensa privilegia o ângulo particular com que o profissional observa os fatos.

Comentário – Errada. O autor traz a visão pessoal, mas em nenhum momento defende isso; ao contrário, ele diz “há momentos – infelizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais”. Alternativa que extrapola o texto.

(C) ao apresentar informações e comentários sobre a Segunda Guerra Mundial, toma-a como legítima justificativa para a publicação de matéria que tem como objeto questões pessoais e íntimas.

Comentário – O objeto da matéria não consiste nas questões pessoais e íntimas. A história pessoal serve apenas como forma de abordagem do tema, justificando a permanência viva da guerra na memória do autor, em contrapartida do descaso e esquecimento.

(D) ao confessar sobressalto pelo que tinha ocorrido no dia anterior, 8/5, explica-o tanto pela associação de fatos históricos a questões pessoais, quanto pela interpretação de que há um Dia das Esperanças Perdidas.

Comentário – Correta. O sobressalto gerado pelo descaso e pelos indícios de esquecimento do início é justificado pelos parágrafos seguintes, nos quais se vê um relato híbrido entre os fatos da guerra e a visão pessoal do autor. Setenta anos depois, ele acentua a necessidade de prontidão, de estar alerta, pois o que foi o Dia da Vitória transformou-se em Dia das Esperanças Perdidas. A interpretação que ele dá para essa mudança está logo após os dois-pontos no último parágrafo: “a guerra não acabou”.

(E) ao citar a volta dos combatentes brasileiros, critica a euforia das saudações, pois evidenciava que o povo não tinha percebido que o conflito, na mesma configuração de 1939 a 1945, continuava.

Comentário – Errada. Boa parte das afirmações corresponde ao texto, mas se contradiz ao afirmar: “na mesma configuração de 1939 a 1945”. No 5º parágrafo, lê-se “na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda, esquecidos do inimigo comum – o nazifascismo – se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder deixado pela derrotada barbárie”. Nesse trecho, deve-se observar que a guerra é interna, gregos lutando pelo poder político da Grécia, portanto não é a mesma configuração de 1939 a 1945.

02. O excerto legitima a seguinte compreensão:

(A) Dines considera a imprensa de 1945 menos aperfeiçoada do que a imprensa contemporânea.

Comentário – Alternativa errada, pois o autor diz o contrário na seguinte passagem: “matutinos e vespertinos – mais calejados do que a mídia atual...”.

(B) O primeiro parágrafo é apresentado como "entre parênteses" porque é tomado como simples anexo, de conteúdo genérico, sobre a análise de conjunturas, sem conter menção ao que virá no texto.

Comentário – Errada. O primeiro parágrafo prepara o leitor para a perspectiva subjetiva que o autor adotará na visão sobre a guerra.

(C) Dada a natureza do texto, expressões como “empurrou a guerra para dentro da minha casa” devem ser desaprovadas, pois, ferindo o rigor lógico, prejudicam a compreensão.

Comentário – Errada. No artigo jornalístico, o autor, quando usa o verbo “empurrou”, traz a linguagem figurada para produzir um efeito retórico em que a violência da notícia ganha força. Pelo gênero textual usado (artigo jornalístico), esse tipo de recurso é adequado pela sua expressividade e não prejudica a compreensão.

(D) Dines considera a Segunda Guerra Mundial conflito constituído por mais de um estágio.

Comentário – Correta. Se trocarmos a palavra “estágio” por “fase”, o que traz equivalência, logo se perceberá no texto o ponto de referência para a banca: “fim da fase europeia da Segunda Guerra Mundial”. Se o autor se usa de tamanha restrição (“fase europeia”) para marcar o fim de uma fase, pressupõe-se que haja outras fases. O que reforça isso está, por exemplo, no trecho: “a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente”.

(E) Em sua análise de ambientes de guerra, Dines trata a Grécia como exemplo de conflito interno, descolado do contexto da Guerra Mundial.

Comentário – Errada. No trecho “...a Guerra continuava feroz”, o verbo reforça que a situação belicosa da Grécia é ainda algo ligado ao contexto da Guerra Mundial.

03. O segmento do texto que está traduzido de maneira a não prejudicar o sentido original é:

(A) *(linha 1) a história pessoal se impõe às percepções conjunturais / o relato da própria pessoa infunde veracidade aos fatos da conjuntura.*

Comentário – Alternativa errada, mas é forte concorrente da alternativa correta. A palavra “infundir” significa *incutir, inspirar, suscitar*, sentido que não se mantém na troca pelo verbo “impor”; além disso, “veracidade aos fatos da conjuntura” altera o sentido do trecho original “percepções conjunturais”.

(B) *(linhas 5 e 6) incorporou-se ao meu calendário íntimo / passou a fazer parte de minhas memórias negativas mais intensas.*

Comentário – Errada. A palavra “negativas”, destacadamente, não se encaixa na troca.

(C) *(linha 6) e o cimentou definitivamente às efemérides históricas / e o conectou por fim às catástrofes históricas.*

Comentário – Errada. A palavra “efemérides” está relacionada a um acontecimento importante e a sua comemoração, o que vai contra a ideia de “catástrofes”.

(D) *(linha 11) A capitulação da Alemanha tornara-se inevitável / a fragmentação da Alemanha era considerada indiscutível.*

Comentário – Errada. A palavra “capitulação” significa rendição e a troca por “fragmentação” não conserva o sentido.

(E) *(linhas 20 e 21) camuflada por diferentes nomenclaturas / disfarçada sob o véu de distintos nomes.*

Comentário – Correta. É a alternativa que se apresenta com mais adequação: camuflada / disfarçada sob o véu; diferentes nomenclaturas / distintos nomes.

04. *Sete décadas depois – porção ínfima da história da humanidade –, aquele que foi chamado Dia da Vitória e comemorado loucamente nas ruas do mundo metamorfoseou-se em Dia das Esperanças Perdidas: a guerra não acabou. Os Aliados desvincularam-se, tornaram-se adversários. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.*

Comenta-se com propriedade sobre o parágrafo acima, em seu contexto:

(A) Os travessões encerram forte argumento para a defesa das ideias de Dines, pois o segmento alerta para o fato de que, em muito breve intervalo de tempo, a humanidade conheceu significativo revés de sentimentos.

Comentário – Alternativa correta. Procure notar que a alternativa é bastante fiel ao trecho original quando diz: “o segmento alerta para o fato de que, em muito breve intervalo de tempo [= *porção ínfima da história*], a humanidade conheceu significativo revés de sentimentos [= *Dia da Vitória / Dia das Esperanças Perdidas*]”. Talvez o problema se concentre em “Os travessões encerram forte argumento para a defesa das ideias de Dines”. Cabe ao candidato avaliar este juízo de valor: “forte argumento”. Deve-se, em situação de prova, resguardar esta alternativa e comparar com as demais, visando à exclusão. Façamos a medição das demais para perceber como esta é superior e conserva melhor os sentidos do trecho.

(B) As expressões “Dia da Vitória” e “Dia das Esperanças Perdidas” concentram a crítica que Dines faz aos profissionais do jornalismo brasileiro e internacional, ao cunharem bordões que pouco explicam a natureza dos fatos.

Comentário – Errada, pois o autor fala da mudança de sentimento e, ao mesmo tempo, faz uma crítica a esse período, que vai da euforia gerada pelo fim da guerra ao clima hostil e beligerante. Além disso, para maior tranquilidade, a citação de “profissionais do jornalismo” extrapola o texto.

(C) O emprego do adjetivo “camuflada” retoma o que se diz anteriormente por meio da expressão “metamorfoseou-se”.

Comentário – Errada, mas alternativa perigosa, pois pode induzir a erro. De maneira global, entre a mudança de percepção (“metamorfoseou-se”) e o porquê dessa mudança (“A guerra continua...está aí ...camuflada por diferentes nomenclaturas”), há uma relação, o que é natural, pois o texto trata de um tema que vai sendo retomado. Porém, não se pode afirmar que “camuflada” retoma o que se diz por meio da expressão “metamorfoseou-se”. O verbo “metamorfoseou-se” tem relação entre “*Dia da Vitória*” e “*Dia das Esperanças Perdidas*”; já “camuflada” refere-se à continuidade da guerra. Textualmente, no plano da coesão, um não retoma o outro.

(D) A expressão “tornaram-se adversários” exprime a consequência inevitável da ação mencionada anteriormente na frase.

Comentário – Errada. Há relação entre as ideias, mas não há necessariamente consequência e, com certeza, não é inevitável. O ato de “*Os Aliados desvincularam-se*” não gera inevitavelmente o ato de “*tornaram-se adversários*”.

(E) Em “salvo em breves hiatos sem hostilidades”, a substituição do segmento destacado por “a exceção de” preserva o sentido e a correção originais.

Comentário – Errada, porque faltou o acento grave na locução feminina “à exceção de”.

05. A capitulação da Alemanha tornou-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados. Nova era a sensação de paz, a certeza que começava uma nova página da história e perceptível mesmo para crianças e adolescentes. A prometida quimera embutida na frase "quando a guerra acabar" tornou-se desnecessária, desatualizada.

É correta a seguinte assertiva sobre o que se tem no trecho acima:

(A) A causa de o fato ser "inevitável" está expressa em "não foi surpresa".

Comentário – Alternativa errada, pois "ser inevitável" a rendição é causa e "não foi surpresa" a rendição é a consequência. A alternativa inverte os valores. Se algo é inevitável, ele não causa surpresa. Em "não foi surpresa" está expressa a consequência de o fato ser "inevitável".

(B) O emprego de "mesmo" confirma que era natural esperar que crianças e adolescentes, como os adultos, tivessem a certeza de que um novo período da história começava.

Comentário – Errada. O sentido é o contrário. O uso de "mesmo" no trecho traz ideia de inclusão e, ao mesmo tempo, pressupõe que não era natural esperar tal percepção de crianças e adolescentes.

(C) A palavra "quimera" equivale, quanto ao sentido, a "utopia".

Comentário – Correta. A palavra "quimera" remete ao sentido de sonho, fantasia, esperança; *utopia* é um lugar que não existe, um lugar imaginado, ideal e, por extensão, uma fantasia, um sonho. Portanto há equivalência de sentido entre *quimera* e *utopia*.

(D) Em "tornara-se desnecessária, desatualizada", as palavras destacadas estão dispostas em ordem crescente de valor.

Comentário – Errada. Os adjetivos "desnecessária" e "desatualizada" não têm uma ordem, nem crescente nem decrescente. O sentido deles não permite inferir isso. São dois adjetivos justapostos com sentido diferentes, ambos vinculados ao substantivo "quimera".

(E) O emprego de "Nova" justifica-se somente pelo contexto em que as três linhas acima estão inseridas, pois, nelas, não há nenhuma palavra ou expressão a que a palavra "Nova" possa ser associada.

Comentário – Errada. O trecho "Nova era a sensação de paz" cria um contraponto ao trecho imediatamente antes, em que não há nada de novo: "A capitulação da Alemanha tornou-se inevitável, não foi surpresa, sabíamos que seria esmagada pelos Aliados". A rendição da Alemanha era uma sensação que não trazia novidade ("não foi surpresa", "sabíamos"); novidade mesmo "era a sensação de paz".

06. *Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.*

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

- (A) contudo (B) apesar de (C) quando (D) porque (E) já que

Comentário – A conjunção concessiva “embora” pode ser trocada pela expressão “apesar de”, pois mantém-se correta a construção e não se altera o sentido.

Vale destacar que o trecho “embora singular” traz um verbo implícito: “embora [seja] singular”. Tal omissão do verbo permitiu a troca com “apesar de”, expressão que exige construção verbal diferente: “apesar de [ser] diversa”. Se o verbo estivesse explícito, não caberia a troca em razão das formações distintas: “embora seja singular” # “apesar de ser singular”. Mas, como o verbo está implícito, a troca foi possível: “embora singular” = “apesar de singular”.

Aproveite para registrar o sentido das demais: *contudo* = conjunção adversativa; *quando* = conjunção temporal; *porque* e *já que* = conjunção causal.

07. O texto e a norma-padrão legitimam a seguinte afirmação:

- (A) (linha 1) Em “há momentos”, se o verbo viesse acompanhado de auxiliar, a forma a ser empregada seria “devem haver”.

Comentário – Errado, uma vez que a locução “deve haver” precisa ficar no singular. Quando “haver” tem sentido de “existir”, “haver” é classificado de impessoal e forma uma **oração sem sujeito**. Se não há sujeito para a locução “deve haver”, ela só pode ficar no singular.

- (B) (linhas 15 e 16) Em “a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia”, a correlação estabelecida entre as regiões se dá por meio dos segmentos destacados.

Comentário – Errado. A correlação deveria ser entre “a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia”. Outra correlação possível e correta seria: “a guerra continuava feroz não apenas no Extremo Oriente, mas também na antiquíssima Grécia”.

- (C) (linha 17) Em “se enfrentavam para ocupar o vácuo de poder”, a substituição da palavra grifada por “afim de” mantém o sentido e a correção originais.

Comentário – Errado, pois a forma adequada é “a fim de”. Na frase, “para” e “a fim de” são sinônimos e trazem ideia de finalidade.

(D) (linhas 16 e 17) Em “onde guerrilheiros de direita e de esquerda [...] se enfrentavam”, a palavra destacada pode ser substituída por “pela qual”, sem prejuízo do sentido e da correção originais.

Comentário – Errado. A palavra “onde” classifica-se no trecho como pronome relativo e funciona como adjunto adverbial de lugar, algo equivalente a “guerrilheiros de direita e de esquerda [...] se enfrentavam na antiquíssima Grécia”. Na troca de “onde” por outro pronome relativo, há a exigência da preposição “em”:

“na antiquíssima Grécia, onde guerrilheiros de direita e de esquerda [...] se enfrentavam”

“na antiquíssima Grécia, em que guerrilheiros de direita e de esquerda [...] se enfrentavam”

“na antiquíssima Grécia, na qual guerrilheiros de direita e de esquerda [...] se enfrentavam”

(E) (linhas 14 e 15) Transpondo a frase “o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente” para a voz ativa, pode-se ter a forma verbal “saudava” ou “saudavam”, na dependência de se considerar como agente da ação, por exemplo, “o povo” ou “as pessoas”.

Comentário – Correta, mas com sérias restrições gramaticais. Chega-se à conclusão de alternativa correta por exclusão, pois seu conteúdo deixa a desejar. Ao tratar da voz passiva analítica sem agente da passiva, a lição gramatical prescreve, na transformação para a voz ativa, verbo flexionado na terceira pessoal do plural, a fim de que se crie um sujeito indeterminado. Observe:

Voz Ativa

“Saudavam o retorno dos combatentes brasileiros”

*verbo na 3ª pessoa do plural
marcando a indeterminação do sujeito*

Voz Passiva Analítica

“o retorno dos combatentes brasileiros ...era saudado.....”

.....sujeito.....verbo.....*agente da passiva não usado.*

Relendo a alternativa:

e) Transpondo a frase “o retorno dos combatentes brasileiros vindos da Itália era saudado delirantemente” para a voz ativa, pode-se ter a forma verbal “saudava” ou “saudavam”, na dependência de se considerar como agente da ação, por exemplo, “o povo” ou “as pessoas”.

Como se nota, há na alternativa um esforço de interpretação, mas ao candidato restava o cruel impasse entre seguir a rigidez da regra gramatical ou estender a leitura da alternativa para algo mais livre. A alternativa exigiu do candidato a inferência de que, na cena projetada, “o povo saudava” ou “as pessoas saudavam”, algo possível em uma interpretação, mas não dentro das regras de transformação de voz passiva em voz ativa.

Alternativa correta, mas com restrições.

08. A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio “aí”, na frase, do seguinte modo:

- (A) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.
- (B) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: “ao espaço dos Aliados”.
- (C) a palavra tem o sentido de “nesse ponto”, como em “É aí que está o X da questão”.
- (D) a palavra compõe expressão que tem o sentido de “apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado”.
- (E) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra “inconfundível”, para expressarem, juntas, a ideia de “contorno único”.

Comentário – A alternativa D é a correta, pois o uso de “está aí” significa a permanência da guerra em vários lugares. Trabalham-se nas alternativas restantes os sentidos e usos possíveis da palavra “aí”, mas nenhuma com aplicação correta ao sentido do texto.

09. Considerando a norma-padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

- (A) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

Comentário – A flexão no presente do indicativo “interrompe” está errada. O presente do subjuntivo é exigido pela locução “contanto que”: “contanto que não interrompa a faculdade”.

- (B) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

Comentário – Alternativa correta. Atente-se ao verbo *provir*, derivado de *vir*:

Primitivo: “de onde vierem” => *Derivado*: “de onde provierem”

No segundo uso, temos o verbo irregular *convergir*, corretamente conjugado: “convirja”. Note que o “g” é trocado por “j” para que haja a pronúncia correta.

- (C) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa-pátria.

Comentário – Errada. Deve-se conjugar o verbo *provir*, pois o sentido usado é “vir de algum lugar”. As formas de *provir* (derivado de *vir*), que geralmente trazem dúvida, são: ele provém e eles provêm. No trecho o correto é “Eles **provêm**”.

Não se deve confundir com o verbo *prover*, que significa *abastecer*, *munir* e, no presente do indicativo, recebe as seguintes conjugações: ele provê e eles proveem. Na prova, usou-se a forma do *prover*, mas isso não produz um trecho com coerência. Para distinguir *provir* de *prover*, atente-se ao sentido da construção.

(D) Os jogadores pleitearam que os juízes não ~~intervissem~~ a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

Comentário – Errada. Deve-se observar que *intervir* é derivado de *vir*, portanto:

Primitivo: “viessem” = *Derivado*: “interviessem”

No trecho o correto é: “Os jogadores pleitearam que os juízes não **interviessem** a cada pequena confusão”.

(E) Enquanto aquela norma ~~vigiu~~, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

Comentário – Errada. Para facilitar o uso de *viger*, lembre-se de que *viger* segue as formas de *vender*. vende – vige; vendeu – vigeu; vendia – vigia; vendido – vigido; vendendo – vigendo... Na alternativa, o correto é “Enquanto aquela norma **vigeu**...”.

O verbo *viger* é defectivo, ou seja, traz lacunas em sua conjugação, mas esse problema não foi tocado pela alternativa. Ele só é conjugado nas formas em que após o radical **vig-** são usadas as vogais “e” ou “i”.

10. Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

“...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...]. A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal”

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

- (A) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.
- (B) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.
- (C) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.
- (D) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.
- (E) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Comentário – Uma questão bastante esdrúxula. O tempo composto no português forma-se com os auxiliares “ter” ou “haver” mais particípio. Assim, o tempo composto do gerúndio traz “tendo” ou “havendo” mais particípio, o que ocorre apenas na alternativa D: “Tendo...consumido”.

Nas opções restantes, as formas verbais não correspondem ao enunciado:

- a) “Sendo considerada”: ser + particípio, formação da voz passiva; note que esta alternativa foi a mais perigosa devido às formas muito parecidas com a correta D, mas o auxiliar “ser” é a grande distinção;
- b) “estarei atendendo”: locução verbal formada de “estar” + gerúndio;
- c) “estão indo”: locução verbal formada de “estar” + gerúndio;
- e) “lia sorrindo”: formação que traz o verbo “ler” + gerúndio com valor de advérbio.

11. *Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram-se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.*

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em “Perguntando-me a mim mesmo”, há duas formas – “me” e “a mim mesmo” – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

Comentário – Correto, pois temos no trecho o uso de dois pronomes pessoais com o mesmo papel: indicar que a ação volta para o sujeito, por isso, ação reflexiva. Ao retirar um deles, o sentido reflexivo permanece.

II. Em “por que processo de associação ela me viera à memória”, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

Comentário – Correto. No trecho, a forma “por que” equivale a “por qual” e é usado como pronome interrogativo.

III. Em “não atinei com o porquê”, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

Comentário – Errado. O acento está perfeito, pois a forma “porquê” equivale a “motivo” e é classificado como substantivo. O uso do artigo como determinante muito contribui para essa identificação.

IV. Em “percebi o sentido disso tudo”, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Comentário – Errado. A palavra “tudo” não se refere à sequência textual, mas sim está retomando o trecho anterior.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I.
- (B) I e II.
- (C) II e III.
- (D) III e IV.
- (E) II e IV.

12. Dentre as frases abaixo, a que está clara e correta, segundo a norma-padrão, é:

(A) ~~Pelo~~ ~~e~~ que distintas matérias informaram, o artista encerrou de modo brilhante o espetáculo ~~que~~ ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar.

Comentário – Há duas falhas: uma de má formação e outra de regência:

. *má formação*: “**Pelo** que distintas matérias informaram...”; o correto é apenas “Pelo”;

. *regência*: “o espetáculo **em que** ele havia cobrado apenas uma libra esterlina de cachê para tocar”. O pronome relativo retoma “espetáculo” e relaciona-se com o verbo “tocar” (*tocar em algum lugar*): “tocar no espetáculo”.

(B) ~~Considerado~~ eleições fraudulentas pelo partido Amarelo vencidas pelo partido Branco, o pleito poderá ser anulado se assim o considerar o tribunal.

Comentário – Devido à construção defeituosa, o trecho traz problemas de sentido. Para torná-lo compreensível, há a necessidade de ajuste na concordância e na conexão:

“Consideradas as eleições fraudulentas pelo partido Amarelo e vencidas pelo partido Branco, o pleito poderá ser anulado se assim o considerar o tribunal.”

(C) No depoimento, acentuava a fragilidade da infância e ~~repetiu~~ várias vezes "Sou filha de pais separados desde os 10 anos de idade".

Comentário – Seria mais harmônico ao trecho o paralelismo entre os verbos: “acentuava” e “repetia”.

(D) Dando preferência pelo projeto comunitário, comentou que um dos projetos individuais havia sido excluído por fraude e que o surgimento da denúncia estava ~~ligada~~ a plágio, sempre condenável.

Comentário – Falha de concordância: “o surgimento da denúncia estava **ligado** a plágio”. Na correta expressão “a plágio”, o acento grave é proibido, pois há palavra masculina.

(E) A oficina gráfica é muito mais bem conhecida do que os outros estágios da produção e difusão de livros, por ser um tema de estudos muito valorizado no campo da bibliografia analítica.

Comentário – Alternativa correta. Merecem destaque:

. antes de participio se usa corretamente a formação “mais bem”;

. nas orações comparativas são corretas ambas as formações: “mais bem conhecida **do que**...” e “mais bem conhecida **que**...”;

. a palavra “formação” corretamente concorda com “tema”: “por ser um tema de estudos muito valorizado”.

13. A redação que está clara, concisa e, segundo a norma-padrão, correta é:

(A) A pesquisa concluiu por um lugar-comum ~~que~~ muitos estudiosos da área também concordam, a saber: que o século XVIII realmente, pensava de modo burguês.

Comentário – Há duas falhas: uma de regência e outra de pontuação.

. *regência*: “... um lugar-comum **com que** [ou **com o qual**] muitos estudiosos da área também concordam...”. O verbo “concordar” rege a preposição “com”, quem concorda, concorda com algo.

. *pontuação*: No adjunto adverbial “realmente”, intercalado, ou duas vírgulas ou nenhuma.

- *com duas vírgulas*: “...o século XVIII, realmente, pensava...”

- *nenhuma*: “...o século XVIII realmente pensava...”

(B) O que ~~tornou-se~~ um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – o século XVIII realmente pensava de modo burguês – foi a conclusão da pesquisa, indo ao encontro ~~daquele~~.

Comentário – Há erro de colocação pronominal, pois, como há palavra atrativa, a próclise é obrigatória: “O que **se** tornou um lugar-comum...”. Além disso, o pronome “daquele” não expressa com clareza sua referência, permitindo mais de um entendimento.

(C) A conclusão da pesquisa vai ao encontro do que se tornou um lugar-comum entre muitos estudiosos da área – a saber, o século XVIII realmente pensava de modo burguês.

Comentário – Alternativa correta. Merece destaque:

. o uso correto e sem ambiguidade da expressão “ao encontro do...”, que significa “a favor”;

. o uso do travessão, que isola o trecho explicativo (da expressão “a saber” até “modo burguês”); não deixe de notar que o travessão está no começo do trecho explicativo, mas não se faz necessário no fim, pois culmina com o ponto final. Caso o trecho fosse deslocado, aí o uso de duplo travessão seria obrigatório. Compare:

“A conclusão da pesquisa – *a saber, o século XVIII realmente pensava de modo burguês* – vai ao encontro do que se tornou um lugar-comum entre muitos estudiosos da área.”

- a expressão “a saber”, explicativa, fica entre vírgulas, mas como está abrindo o trecho após o travessão, só uma é suficiente.

(D) O século XVIII, que pensava de modo burguês, é a conclusão da pesquisa e isso tornou-se um lugar-comum entre muitos estudiosos da área, o que veio ao encontro desses últimos.

Comentário – Trecho que peca devido à falta de clareza e de nexos. Merece destaque a seguinte construção: “O século XVIII, que pensava de modo burguês, é a conclusão da pesquisa”.

(E) Um lugar-comum que a pesquisa concluiu, a saber: muitos estudiosos da área vão ao encontro de que o século XVIII realmente pensava de modo burguês, demonstrando concordância com isso.

Comentário – Novamente o problema está na montagem, no plano redacional, ou seja, não há um erro gramatical, mas defeito na exposição das ideias, bem como falha ao estabelecer os vínculos entre os trechos. Isso cria ambiguidade e afeta o sentido. Merece destaque o último trecho: “demonstrando concordância com isso”.

14. As orientações da gramática normativa legitimam a clareza e a correção da seguinte frase:

(A) Todos os funcionários são ~~resistente~~ às intenções do novo chefe de implantar rodízio do horário de trabalho e decidiram, juntos, manifestar ~~perante a ele~~ os seus motivos.

Comentário – O correto é: “Todos os funcionários são **resistentes**...”. Além disso, após a palavra “perante”, o uso da preposição “a” é proibida, portanto a forma correta é: “perante ele”.

(B) As metas para as quais foram traçadas essas diretrizes poderão ser atingidas se, e quando, coincidindo com os objetivos da população, mereçam-lhe simpatia e profunda adesão.

Comentário – Alternativa dada como correta, mas apresenta falha. A banca, em seu afã de criar confusões, acaba caindo em suas armadilhas.

No trecho “poderão ser atingidas se, e quando, coincidindo com os objetivos da população, mereçam-lhe simpatia e profunda adesão”, temos,

- a conjunção “se” que introduz a oração: “mereçam-lhe simpatia e profunda adesão”;

- há duas intercalações: “e quando” e “coincidindo com os objetivos da população”;

Ao unir, sem as intercalações, a conjunção e a sua oração temos: “se...mereçam-lhe simpatia e profunda adesão”. O tempo verbal é o presente do subjuntivo e para a conjunção condicional “se” este tempo é inadequado. Conservando o sentido de ação futura e com o uso da conjunção “se”, a forma correta seria: “se **merecerem**”, ou seja, a flexão do futuro do subjuntivo.

(A questão foi anulada pela banca após o julgamento dos recursos em 5/10/2015)

(C) Os assessores do grupo de trabalho, em nota sucinta, garantem que ~~está~~ em vigor, desde 2014, as específicas normas que vêm obstruindo a execução do tão almejado projeto.

Comentário – Faltou a concordância: “garantem que **estão** em vigor...as específicas normas”. O termo “as específicas normas” é o sujeito.

(D) A própria ~~etimologia~~ da palavra “companheiro” – do latim *cum panis*, aquele com quem dividimos o pão, confiamos para sentar-se à nossa mesa, dividimos ideias – nos norteia na escolha de companhias.

Comentário – Da palavra étimo, temos *etimologia*, área que estuda a origem das palavras.

(E) As últimas notícias veiculadas pela imprensa estrangeira faz que os futuros viajantes ao exterior preparem-se para situações desconfortáveis nos aeroportos.

Comentário – Falha de concordância, já que o núcleo do sujeito é “notícias”: “As últimas notícias veiculadas pela imprensa estrangeira **fazem**...”.

15. A frase pontuada em conformidade com as orientações da gramática normativa é:

(A) Não fica muito claro, como os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar o pensamento desse jovem pesquisador, porque o ponto de vista dele é agudo e sobretudo, excêntrico.

Comentário – Há uma oração adverbial intercalada, o que obriga o uso de dupla vírgula:

“Não fica muito claro, como os veteranos estudiosos da área poderiam abrigar, o pensamento”

Além disso, no termo deslocado “sobretudo”, ou se usam duas vírgulas ou nenhuma:

Com duas vírgulas: “...o ponto de vista dele é agudo e, sobretudo, excêntrico...”

Nenhuma: “...o ponto de vista dele é agudo e sobretudo excêntrico...”

(B) Seria um equívoco atribuir ao procurador, daquela pessoa idosa, doente, e fragilizada a responsabilidade pelos malfeitos que foram descobertos, pois ele a tem em alta consideração.

Comentário – Como há um vínculo lógico no trecho “procurador, daquela pessoa idosa”, não se deve usar a vírgula para separá-los. Também há incorreção na vírgula antes do “e” em “doente, e fragilizada”.

(C) Se é justo valorizar a experiência de nossos antepassados, o saber advindo de nossas próprias vivências, não deve ser tido como menos valoroso; ao contrário pode harmonizar-se com o saber herdado.

Comentário – Não se separa o sujeito do verbo e é o que ocorre em “o saber advindo de nossas próprias vivências, não deve ser tido como menos valoroso”. Também é de praxe o uso de vírgula após a expressão “ao contrário”.

(D) O conferencista comprovou que a contextualização é o traço mais forte na área da história das ideias que mais avançou na última década: a história do pensamento político.

Comentário – Alternativa correta

(E) Sempre voltou seu olhar para as flores mais sensíveis e, de cultivo mais difícil, porém, ao longo de sua trajetória valeu-se de cautelas mais adequadas ao cultivo de espécies mais resistentes.

Comentário – Não há regra que permita a vírgula posterior ao “e” em “flores mais sensíveis e, de cultivo mais difícil”. Mais à frente, há um adjunto adverbial intercalado, o que permite ou o uso duplo de vírgulas ou nenhuma vírgula:

Com duas vírgulas: “...porém, ao longo de sua trajetória, valeu-se de...”

Nenhuma: “...porém ao longo de sua trajetória valeu-se de...”

GABARITO

1-D 2-D 3-E 4-A 5-C

6-B 7-E 8-D 9-B 10-D

11-B 12-E 13-C 14-B 15-D